

## TINTAS ARTESANAIS PARA USO NA XILOGRAVURA

DIEGO HENRIQUE BARBOZA<sup>1</sup>; ANGELA RAFFIN POHLMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [diego.hrq@gmail.com](mailto:diego.hrq@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [angelapohlmann@gmail.com](mailto:angelapohlmann@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta resultados parciais de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Atelier de Gravura da Universidade Federal de Pelotas, sobre a fabricação artesanal de tintas para uso na xilogravura.

Neste trabalho, visamos o uso de substratos orgânicos e/ou alternativos para fazer tintas, retornando as origens primárias da fabricação de tintas. Assim, nosso objetivo é a busca de novos resultados estéticos em xilogravuras frente às tendências do século XXI rumo à sustentabilidade e à incorporação de substratos antes descartados, acessíveis e de baixo custo.

As tintas são materiais geralmente líquidos constituídos de pigmentos, resinas, solventes e aditivos. “Os primeiros relatos do uso de tintas são dos períodos anteriores há 30.000 anos associadas a pinturas em paredes rochosas realizadas por sociedades nômades primitivas” (MELLO; SUAREZ, 2012).

Eram usados pigmentos inorgânicos finamente moídos. Entre eles: “hematita (vermelho), goethita (amarelo), caulinita (branco) e pirolusita (preto). Para conseguir cores intermediárias, muitas vezes eram usadas misturas desses minerais” (Idem, ibidem). Há indícios que usavam também o carvão mineral e vegetal para o preto.

Outras civilizações antigas utilizavam a goma arábica ou a gema ou a clara de ovo como resinas. “A mistura de pigmentos com goma arábica [...] depende das proporções entre resina, solvente e pigmento. Já no caso do uso de clara ou da gema de ovo, a tinta é conhecida como *têmpera*” (MELLO; SUAREZ, 2012).

A minimização de resíduos é um importante elemento para o desenvolvimento sustentável, pensando nisso podemos usar como componentes de tintas substratos antes descartáveis e/ou alternativos. Alternativas para pigmentos seria o uso de folhas, flores, grãos, líquens, cascas de árvore, beterraba, frutas, erva-mate, carvão, pó de café, hena, giz de lousa, giz pastel seco e/ou oleoso, anil, cinzas de fumo, alcatrão, gesso ou pó de toner.

Para extração de alguns pigmentos, principalmente os de cascas e folhas de árvores, a extração é feita com água fervente. E como solventes podemos usar água, leite, urina, betume, terebintina.

### 2. METODOLOGIA

A fim de preparar tintas para xilogravuras os componentes básicos das tintas foram selecionados com a finalidade de obter uma viscosidade adequada.

Os pigmentos foram extraídos por trituração, com exceção do pigmento do urucum, que se extraiu por imersão em álcool.

#### **Tinta de terra**

Mistura de goma arábica (resina), gema de ovo (resina), glicerina (umectante), água (solvente) e terras argilosas em vários tons (pigmento) (Figura 1).



Figura 1: Preparação da terra antes da mistura com outros componentes da tinta.

#### **Tinta de fezes de lagartas de borboleta e pulgão**

Mistura de goma arábica (resina), cola artesanal (aglutinante), álcool (solvente) e fezes de lagartas e pulgão amarelo (pigmento).

#### **Tinta de Giz de Lousa**

Mistura de óleo de soja reutilizado (resina), cola artesanal (aglutinante), água e urina (solvente), pó de giz (pigmento).

#### **Tinta de Urucum**

Mistura de goma arábica (resina), glicerina (resina), álcool (solvente) e urucum (pigmento).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Entre essas impressões tive bons resultados de cores e textura. Mas para que sejam mantidas as cores e não se tenha problemas com fungos, é importante adicionar às tintas aditivos como fungicidas (limão, vinagre) e tomar cuidado com o sol. Exceto as tintas de terra e giz, que são resistentes.

#### **Tinta de terra**

O impresso ficou com textura, devido à granulação do pigmento. Mas sendo possível também alcançar uniformidade com uma maior separação dos componentes da terra. A cor obtida foi o preto (Figura 2, 3 e 4), lembrando que a cor varia de acordo com a cor da terra e que é importante que ela seja bem argilosa, pois quanto mais argilosa a terra for, mais rica em pigmento ela é.



Figura 2: Xilogravura "Motivos" de tinta de terra.



Figura 3: Xilogravura "Visão com Boi" de tinta de terra.



Figura 4: Monoprint "Texturas" de tinta de terra misturado com outros corantes.

### **Tinta de fezes de lagartas de borboleta e pulgão**

O impresso adquiriu uma cor entre o verde musgo e o cinza (Figura 5). Em outro teste utilizando cola de madeira, a tinta adquiriu uma tonalidade a mais devido a cola de madeira ser amarela e o seu excesso pode fazer com que a tinta se torne um polímero gelatinoso.



Figura 5: Xilogravura "Índio" de tinta de fezes de lagarta e pulgão.

### **Tinta de Giz de Lousa**

Adquiriu textura, mas com um maceramento ou coamento dos pigmentos é possível adquirir maior uniformidade. Foram feitas tintas de várias cores de giz (Figura 6 e 7), sendo possível o branco.





Figura 6: Xilogravura "Paisagem" de tinta giz de lousa.



Figura 7: Xilogravura "Índio" de tinta de giz de lousa misturado com batom.

### Tinta de Urucum

Cor obtida foi intermediária entre o amarelo e o laranja (Figura 8). O urucum desbota fácil com a incidência do sol.



Figura 8: Xilogravura "Espiral" de tinta de Urucum.

## 4. CONCLUSÕES

Concluimos que a utilização de compostos alternativos para fazer tintas artesanais para impressão de xilogravuras foi importante na obtenção de texturas e cores não usuais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELLO, Vinicius. M.; SUAREZ, Paulo. A. Z. - As Formulações de Tintas Expressivas Através da História. **Revista Virtual Química**, 2012, 4 (1), 2-12. Data de publicação na Web: 5 de março de 2012. Acessado em 22 de julho de 2015 Online. Disponível em <http://www.uff.br/RVQ/index.php/rvq/article/view/248>.

Agradecemos ao CNPq e à FAPERGS pelo apoio às pesquisas que deram origem a este texto.